



**Alana Cabral com Sophie Charlotte (Gerluce) e Dira Paes (Lígia): trio forma as Três Graças**

tórias reais. "Eu entendi desde o início que esses temas precisavam ser tratados sem julgamento e sem romantização", explica. "Busquei ouvir relatos de mulheres que viveram experiências parecidas, conversei com profissionais da saúde e da educação. Quis entender não só os fatos, mas os sentimentos envolvidos: o medo, a solidão, a pressão social."

O mergulho da jovem atriz se reflete na tela. Joély sente no corpo o peso das decisões que precisa tomar cedo demais, e o público reconhece ali algo familiar. "Ela não vive essas questões de forma isolada; elas atravessam a autoestima, as relações, o modo como ela se vê no mundo", diz Alana. É justamente essa identificação que transforma a personagem em catalisadora de debates dentro e fora das redes sociais.

Ser protagonista de uma novela das 21h não é apenas um marco de carreira, mas também um gesto coletivo. "Representa uma conquista que vai muito além da minha trajetória individual", afirma a artista, que chega à sua quarta novela. "Tenho plena consciência de que ocupar esse espaço é resultado de muitas lutas que vieram antes de mim", reconhece Alana, que atuou em Verão 90 (2019),

Nos tempos do imperador (2021)

e Guerreiros do Sol (2024). Ela entende o peso simbólico do lugar que ocupa. "Ampliar o imaginário coletivo sobre quem pode ocupar o centro da narrativa é fundamental. Espero que outras meninas se vejam, se reconheçam e se sintam autorizadas a sonhar", apostila.

Essa centralidade, no entanto, só faz sentido porque Joély é complexa. Longe de estereótipos, ela falha, acerta, se contradiz. "A complexidade é fundamental para uma representatividade verdadeira", diz a atriz. "Personagens estereotipadas reforçam visões simplistas sobre grupos que já são historicamente marginalizados. A Joély foge disso porque ela é contraditória, forte, sensível e determinada. Ela não existe para cumprir uma função social única dentro da narrativa."

A história da personagem dialoga diretamente com a vida de muitas adolescentes brasileiras, sobretudo aquelas que enfrentam responsabilidades cedo demais e quase sempre sozinhas. "A gravidez na adolescência, o bullying, a falta de escuta e as desigualdades sociais estão presentes no cotidiano de muitas jovens", reflete Alana. "Mas a novela também fala

sobre rede de apoio, educação e possibilidade de escolha. A Joély representa meninas que seguem em frente mesmo quando o caminho é difícil."

## Divisor de águas

Esse protagonismo marca um divisor de águas na trajetória da atriz. "Mudou completamente minha relação com o meu trabalho", admite. "Passei a enxergar minha carreira com ainda mais consciência e responsabilidade. Entendi que minhas escolhas artísticas também são escolhas políticas e simbólicas." O impacto não foi apenas profissional, mas pessoal: "Foi um processo de amadurecimento muito grande, de entender minhas forças e o impacto que meu trabalho pode ter na vida das pessoas", pondera a jovem que, em 2022, também se destacou no quadro Super Chefinho, do Mais você – do qual saiu campeã.

Antes de Três Graças, Alana vinha fazendo escolhas alinhadas a esse olhar atento para o mundo, também no cinema. Em Salve Rosa, filme elogiado por discutir a exposição de crianças e adolescentes nas redes sociais, ela mergulhou em reflexões sobre julgamento e violência simbólica. Em Quatro meninas, exibido no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, viveu

uma experiência marcada pelo afeto e pela construção de identidade entre meninas negras. "Esses trabalhos foram fundamentais para minha formação artística e humana", diz. "Eles me deram ferramentas para lidar com temas sociais sem perder a emoção."

Dentro da novela, algumas cenas ficam como cicatrizes emocionais. "As mais desafadoras foram aquelas em que a Joély precisa escolher entre o silêncio e o enfrentamento", conta. "São momentos de amadurecimento abrupto, de decisões difíceis." Ela destaca ainda as sequências mais densas ao lado das colegas Sophie Charlotte (Gerluce,

a mãe) e Dira Paes (Lígia, a avó), que a atravessaram de maneira especial.

Com a repercussão da personagem, vieram debates intensos nas redes sociais – e Alana os observa com gratidão. "Ver o público debatendo e se reconhecendo na história da Joély mostra que a novela está cumprindo um papel importante. A televisão tem essa força de provocar reflexão coletiva", celebra.

Olhando para o futuro, a atriz acredita que o audiovisual brasileiro está em transformação, ainda que lenta. "Estamos avançando, mas há um caminho longo pela frente", avalia Alana. "Espero que experiências como Três Graças abram espaço para mais narrativas diversas, complexas e profundas – e que essa representatividade não se limite a quem está diante das câmeras."

Quanto a si mesma, Alana segue guiada pelo desejo de escolha e coerência. "Quero continuar interpretando personagens que me desafiem artisticamente e tenham relevância social", afirma. O sonho é expandir horizontes, explorar cinema, séries, outros países – sem jamais romper o vínculo com as histórias que a formaram. Porque, como Joély, Alana Cabral segue em frente: consciente do peso que carrega, mas fiel à delicadeza que insiste em permanecer.